

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

3.ª SERIE. — N. 20. — 4.º TRIMESTRE DE 1888

mantimentos lançavam fogo devastador. Havia n'estas horri-
veis matanças um luxo de barbaridade: as crianças eram arran-
cadas dos peitos maternos para serem abertas pelas pernas ! !

Durante o sistema da guerra offensiva os indigenas não se submetiam sinão ao temor, e só pareciam domesticados emquanto durava sobre elles a pressão d'aquelle sentimento, que só pôde fazer escravos, nunca fará cidadãos ou homens civilizados. Eis que porém, em 1824, é feito director geral dos indios d'esta provincia o tenente-coronel de linha Guido Tomaz Marlière, Francez naturalizado, já conhecido por seus serviços prestados á catecheze dos indios, e idéas a similhante respeito expressadas em officios dirigidos ao governo, na qualidade de major encarregado da inspecção das diversas divizões militares ; eis que esta nomeação teve lugar, diziamos, e a catecheze e civilização dos indigenas apresenta uma faze assaz distinta das anteriores, uma época bem marcada nos seus annaes. Tendo entra do havia pouco no exercicio de suas funções, Guido Marlière declara ao governo, que elle tem emprehendido domar os indios preferindo para esse fim balas de milho ás de chumbo, até então empregadas. Até então era indomavel o odio que dividia os indios do norte e do sul d'esta provincia: a continua guerra que se faziam inquietava os colonos, quando contra estes não eram dirigidos os seus ataques. A navegação do Rio—Doce era então e sempre perigoza em consequencia das hostilidades dos Botocudos antropofagos, e tal era o horror que incutiam por toda a parte que as sesmarias concedidas aos colonos não eram demarcadas pelos respectivos juizes, que não se animavam a penetrar em matas em que, não sem razão, julgavam ter de encontrar morte certa e horrorosa. N'estas circumstancias Guido Marlière dá começo a seu novo sistema de catecheze ; faz construir uma canoa, enche-a de viveres e ferramentas de toda a especie, dá-lhe uma pequena guarnição de soldados divizionarios, commandados por um sargento de nome Antonio Pereira do Nascimento (por alcunha Virassaia), e poz á disposição d'este um interprete. Parte a expedição do quartel geral das divizões, e tendo já na-

vegado uma parte do Rio-Doce, avista á margem esquerda do mesmo rio grande numero de Botocudos armados de suas terribes flexas. Batem-se palmas por parte da expedição, e pelo respectivo interprete se diz aos indios, que se vem a elles com intenções amigaveis, e para os prover do sustento que lhes é necessario.

Os indios exigem, que se deponham as armas, em que os expedicionarios seguravam para que elles possam deixar suas flexas: a exigencia é satisfeita, e cumprida a promessa dos indigenas. Entretanto sendo assaz conhecida a indole traiçoera dos Botocudos, por um momento pareceo haver da parte da expedição receio de fazer aproximar a canôa da margem que os indios occupam: mas o intrepido sargento para ali faz rezolutamente embicar a canôa. O resultado d'esta tentativa foi o mais satisfatorio possivel: os indios entram na canôa, recebem mantimentos e ferramentas, e voltam as suas matas, pelo que diziam, convencidos de que não se lhes queria mal fazer, ou que os *carantonhas*, como chamavam aos colonos, já se achavam mansos. D'estes indios ficaram alguns na canôa a convite do sargento, para serem apresentados ao director geral dos indios; entre estes o indio Pokrane, então na idade de 24 a 25 annes, e seu pae que capitaneava a sobredita partida de indigenas. Depois de terem estado alguns dias no quartel geral, onde foram recebidos por Guido Marlière com muitas demonstrações de amizade e benevolencia, voltaram ás matas, ficando porém o joven Pokrane, que desde logo foi tomado debaixo de aspecial protecção do mesmo director. Guido Marlière fel-o baptizar, e poz-lhe o seu nome em signal da simpatia que concebera pelo indio que lhe parecera leal e intelligente. E não se enganou n'este juizo, porquanto, como depois se exprimia o mesmo Guido Marlière, foi Pokrane o seu braço direito na gerencia de tudo quanto respeitava á alliciação dos indigenas. Pokrane comprehendeo logo as vantagens da civilização, e tanto pareceo bem firmada esta sua convicção que elle deixou o botoque, ou a insignia da sua antiga barbaria.

Botocudos vem de botoque ou bodoque, termo portuguez ; e alluzivo a uma taboa que estes indios adaptam ás orelhas e ao beijo inferior, e que lhes serve de ornato, e (a do beijo) para ahi picarem miudamente a carne, quando a estão comendo. Estes pretendidos ornatos ou bizarros utensilios os tornam hediondos. O joven Pokrane logo que os dispóz, persuadia aos seus, que deixassem um costume tão feio (assim se exprimia), e quando isto tinha conseguido, vinha dizê-lo mui alegremente a Guido Marlière. Para logo foi Pokrane o interprete fiel e predilecto de Guido Marlière, que o despachava continuamente para as matas afim de persuadir a diversas tribus ou aos de sua nação, a que, deixando a vida errante e miseravel, viessem compartilhar os gozos da civilização. Tão perfeitamente comprehendeo elle estas verdades, ou tão persuasivas eram as suas allocuções aos demais indigenas, que estes afluíam a convite seu para o quartel geral da directoria, de continuo e em grande numero. Com este poderoso auxilio pôde Guido Marlière, conseguir o arrefecimento da odiozidade que até então existia entre os indios do norte e do sul d'esta provincia. A conciliação dos Coroados e Puris, e a dos Nakenuks, e Krakmuns (*) foram os fundamentos principaes de uma petição, em que se diz, que Guido requerêra um titulo de nobreza. Ao contrario dos outros Pokrane não commetia actos de deslealde e traição, nem se dava à embriaguez. Elle era todo devotado á pessoa de seu padrinho de baptismo, o tenente-coronel Guido Marlière, a cujas ordens estava sempre prompto a obedecer, et das quaes era intelligente executor : era tão amigo de seu bemfeitor, que, ainda ao contrario dos seus, mostrou sentir profunda mente a retirada de Guido Marlière em 1830 da directoria geral dos indios, facto este que declarava ser a cauza de não ter elle de ser mais feliz. Este excellente catechista declarava, que se occupava com a catecheze de indios havia 13 annos e

(*) Pejaurum ou Krakmuns são os Botocudos, que habitam a margem meridional do Rio-Doce. Os da septentrional chamam-se Nakenuks.

em seus officios sempre reconheceo dever em grande parte a Pokrane o feliz successo de suas empresas. O respeitavel Guido Pokrane, eis como o tratava muitas vezes. Pokrane, como todos os de sua nação, foi sempre poligamo : amava suas mulheres e filhos, a quem alimentava, vestia e alojava a nosso modo, e quanto lhe permitiam sua condição e escassos recursos.

Era soldado da 2ª companhia de montanhas do Rio-Doce. pouco antes de morrer ; o que teve lugar em 1843 na idade provavel de 44 annos, em consequencia de um pleuriz, como dizem uns, ou de envenenamento, como pretendem outros, no arraial de Antonio Dias abaixo. Veio a esta cidade queixar-se ao tenente-general Soares de Andréa de que não recebia seus soldos, havia mais de 3 annos ; então declarou elle ter vindo da côrte do Rio, onde se tinha apresentado a S. M. o Imperador, parecendo a alguém, com quem a tal respeito conversára, ter elle acrescentado que tomára a S. M. por padrinho de um seu filho, e que por elle fôra brindado com uma boa espingarda fulminante.

Pokrane fazia baptizar seus filhos, e ouvia missa com attenção propria de quem mais ou menos comprehendia a significação das ceremonias que prezenciava. Fazia-se entender bem na lingua portugueza, mas não consta, que tivesse recebido a instrução primaria. Seu trato era agradavel, bem que algum tanto grave: desdenhava a intimidade com pessoas da classe infima, procurando com marcada preferencia o trato das pessoas gradas de qualquer parte em que se achasse. Era fiel á sua palavra e leal em seus contratos. Seu andar era rapido e animado ; o que condizia com sua conhecida intrepidez. Pokrane era alto, peitos largos, bem figurado; cabello negro, corrido e luzidio; corado e menos trigueiro do que os Botocudos da margem meridional do Rio-Doce, era visto calçado muitas vezes, o que igualmente se observava em alguma de suas mulheres. Pokrane dirigia uma aldéa de indios, a do Manhuassú no Cuieté ; abi tinha elle caça, criava porcos e galinhas e plantava milho, mandioca e outros artigos alimenticios. Pretende-se, que além de uma engenhoca de ralar mandioca, tratava de estabelecer, ou já tinha estabelecido uma outra para

moagem da canna e fabrico de rapaduras. O que é mais e o que mostra ter este indio nascido para mandar e dirigir, é que elle exercia toda a influencia possivel sobre os indios de sua aldêa ; compellia-os com castigos eficazes e oportunos a darem-se ao trabalho e era obedecido: quando assim procedia dizia aos Brazileiros, que os indios são mui preguiços. Não obstante alguns habitos religiosos contrahidos por Pokrane, a incoherencia que por este lado se observava em sua conducta mostrava, que não fora a religião o primeiro sentimento n'elle inoculado, pelo menos de preferencia a qualquer outro. Nenhuma de suas mulheres elle tinha recebido á face da igreja, e no tempo de Guido Marlière elle dirigia uma expedição contra os Puris, na supozição de que *estes feiticeiros*, como eram considerados pelos Botucudos, tinham-lhe ocasionado a morte de parentes seus. E' isto tanto mais provavel quanto é certo, que o catechista de que temos falado tão vantajosamente reprovava nos jezuitas o começarem a catecheze pelo período religioso (aliás agora preferido por muitos ao civil). Quem quizesse escrever a biographia do indio Pokrane deveria talvez ter não só toda a correspondencia da directoria geral dos indios no tempo do tenente-coronel Guido Marlière, como os seus apontamentos ou diario sobre a catecheze que consta ter elle deixado, e achar-se na fazenda Wal de Guido Marlière, do termo do Prezidio, em poder da sua viuva. De todos os indigenas domesticados n'esta provincia, é certamente Pokrane o que mais perseverante mostrou-se nos habitos do homem civilizado. Fala-se de um indio de nome Paulo Carahiba, que, depois de ter recebido a instrução primaria, vivido não pouco tempo em companhia de um vi-gario seu bemfeitor, em lugares civilizados, e até feito com solemnidade uma allocução de catechista aos seus, consta que fôra director de partidas de indios com o fim de matar e roubar. Até ha quem afirme ter existido um outro que despio as vestes sacerdotaes e tendo cingido o seu cocar, empunhado seu arco e flexas, se retrahira ás suas florestas nataes. Bem perto d'esta cidade, em caza de Mr. A. Buselin, existe um exemplo vivo da

inconstancia de que acabamos de falar. E' um indio que não mostra hoje a delicada educação que lhe foi dada. Além de ter recebido a instrução primaria, foi instruido na lingua franceza, que falava sofrivelmente. Esteve em Paris, e pelo que n'elle se observava parecia ter-se firmado no gosto pela vida civilizada; nada o fazia suspeito de saudades da vida selvagem, quando porém menos se esperava, o indio adoece de nostalgia, e declara terminantemente, que queria voltar ao Brazil. Fez-se-lhe a vontade; desde porém que chegou á caça, outro homem n'elle appareceu: rehouve quasi todos habitos de selvagem. Não se deve passar em silencio o indio Orotiman, de quem dizia o tenente coronel Guido Marlière, que pelas maneiras mostrava ser príncipe ou cacique entre os seus. Parece ter-se facilmente domesticado. Avulta porém sobre todos, não só pela facilidade com que o domesticou o sobredito Guido Marlière, como pelos esforços que fez para o alliciamto dos seus e chamamento á vida civilizada o agreste indio Guido Pokrane, que, si tivesse tido mais acurada educação, talvez tivesse ido muito mais longe do que foi.

Ouro Preto em 13 de Setembro de 1855. Conforme, *José Feliciano França*.

ADITAMENTO

AOS APONTAMENTOS PARA A BIOGRAFIA DO INDIO GUIDO POKRANE

O coronel Tomaz Guido Marlière, como commandante geral das divizões, mandou uma canôa a Linhares. Commandava a canôa o cabo Luciano Vieira, que encontrou no porto de Souza ao indigena Pokrane e a sua tribu. Os soldados da provincia do Espirito Santo, que ali se achavam, não tiveram animo de lhe falar; porem o cabo Luciano Vieira e seu irmão Francisco Vieira animaram-se e foram ao seu encontro; e oferecendo-lhe facas e

milho, que colheram de uma roça, Pokrane aceitou, e chegando á fala, conversaram amigavelmente, e com elle contratou o cabo Luciano Vieira de se encontrarem no dia seguinte, e de o levar com a sua tribu para o quartel. Pokrane cumprio a sua promessa, Luciano Vieira o encontrou com a sua tribu na roça, e o levou para o quartel, e ahí lhe deo o que podia, e lhe pediu, que o esperasse, até que elle voltasse de Linhares. Mas, apenas se retirou Luciano Vieira com os seus soldados capixavas, não só não fizeram receber a Pokrane e sua tribu, como até, por amendrontados, lhes fizeram fogo no dia seguinte; pelo que ofendidos os indios mataram os trez que lhes fizeram fogo; dando-se com isto por vingados, esperaram pelos Vieiras. Quando estes chegaram, entenderam-se com Pokrane, e o accommodaram e á sua tribu. Os Vieiras deram parte de tudo a capitão Lizardo Jozé da Fonseca, e este mandou em prompto duas canoas com mantimentos, e em seu regresso trouxeram a Pokrane e a todos da sua tribu para o quartel geral, que era então em Santa-Anna do Aldé. Pokrane era corpulento, tinha boa fisionomia, era agradável no seu trato, docil, generoso, valente nas suas armas, e entre os seus bastante intelligente, e por todos os indigenas era respeitado. Quando esteve no quartel da 4ª divizão no Sacramento-Grande observou atentamente como se tratava da cultura, e quando voltou fez a sua aldéa nas margens do rio do Manhuassú, fez grandes plantações de milho, feijão, arroz, cannas, etc., fez uma engenhoca, criava porcos e galinhas, vivia na abundancia, e tinha mais de trezentos homens debaixo do seu commando. Amava a honra das familias, aborrecia os criminozos, e os castigava exemplarmente. Ia com os seus soldados ás aldéas vizinhas e ahí castigava os criminozos e turbulentos, e era sempre obedecido.

Gostava de viajar, instruir-se e relacionar-se com o governo. Foi á cõrte e apresentou-se ao governo imperial, e por elle foi bem acolhido. Pokrane era generoso, amava muito aos seus, repartia com elles tudo quanto adquirira, e não deixava de punir aquelles que os ofendiam. Guerreou com os Paris e indios do

